



Mulheres lideram mudanças

Veja na página central diversas atividades do Consórcio CAPA que propiciam transformações sociais a partir da organização das mulheres

Política de Justiça de Gênero pg 3

Agroecologia
e feminismo pg 5

Encontro da
Rede Ecovida pgs 8, 9 e 12

LEIA TAMBÉM

Alerta para poluição
magnética invisível

Receita e dicas de saúde

Nem tão doce lar: projeto
realizado em Pelotas

Agenda de atividades

15 anos da Ecovale



Cláudia Dreier

POLÍTICA
DE
JUSTIÇA
DE
GÊNERO

Criar equidade

Justiça de gênero é a pauta central desta edição do Recado da Terra. Exemplos de ações concretas em defesa da igualdade e do protagonismo das mulheres, promovidas pelos núcleos do Consórcio CAPA, aparecem como um todo e têm destaque na página cinco e nas páginas centrais.

O Recado da Terra também apresenta, na página três, a Política de Justiça de Gênero da Fundação Luterana de Diaconia, parceira do Consórcio CAPA, e que deve contribuir para ampliar a discussão do tema junto à organização.

Outro destaque é o Encontro Ampliado da Rede Ecovida, realizado em abril, e que contou com uma intensa participação do Núcleo Marechal Cândido Rondon. Realizado naquele município, o encontro reuniu mais de mil e quinhentas pessoas. A cobertura destas atividades que fortalecem a Agroecologia está nas páginas oito, nove e doze.

Mantendo a proposta da edição anterior, a Agenda de Atividades, na página dez, permite vislumbrar participações destacadas do CAPA na promoção da agricultura ecológica familiar, não só no Brasil, mas também na Alemanha e na África.

Boa leitura a todas e a todos!



Capacitada por Deus

Artigo de Roili Borchardt *

Quando vocês pensam em uma figura bíblica, qual o nome que lhes vem à mente? Perguntei a um grupo em um momento de reflexão. E as respostas foram diversas: Moisés, Abraão, Sara, Davi, Noé, Adão, Eva, Isaías, Jonas... Geralmente, quando se fala da Bíblia, as pessoas lembram personagens masculinos. Mas, isto não quer dizer que mulheres não tiveram um papel relevante na divulgação do Evangelho e na condução de famílias e de comunidades.

Numa época em que a liderança era exercida normalmente por pessoas do sexo masculino, a Bíblia registra a extraordinária atuação de uma mulher, chamada Débora, cuja história é registrada no livro de Juízes.

Mas, afinal, quem era Débora e o que ela tinha de tão especial? Débora era uma dona de casa, esposa, profetiza e juíza e que foi capacitada por Deus para guiar o povo de Israel em um determinado tempo da história. Sua história faz-me lembrar tantas mulheres que, diante de um desafio, logo dizem: "eu não sei fazer", "eu não sou capaz" ou "eu não tenho estudo". Olhando para o exemplo de Débora, podemos aprender algo para a nossa vida e atuação, independente da profissão que se exerce. Por isto, enumero algumas atitudes desta mulher que nos querem encorajar a também sermos protagonistas de nossas ações.

1º Mostrou ter o coração de uma serva (Jz 4.5): Débora se sentava debaixo de uma palmeira e julgava as questões trazidas pelo povo. Ela foi uma conselheira do seu povo. Vivemos numa sociedade carente de atenção e afeto. Por mais que a tecnologia tenha avançado, nada consegue substituir o contato pessoal.

2º Delegou tarefas (Jz 4.6-7): Débora sabia de seus limites e ela não agia de forma individual, mas sabia delegar tarefas e reunir outras pessoas em seu entorno. Delegar tarefas, nem sempre é uma atitude fácil, mas necessária para que não haja sobrecarga de atividades. Atualmente, se fala tanto

em igualdade de gênero, mas, ainda, encontramos homens que se negam a compartilhar tarefas com as mulheres. Se ambos, homem e mulher, trabalham de igual forma, por exemplo, na lavoura, nada mais justo que as tarefas domésticas também sejam compartilhadas entre os dois.

3º Louvou a Deus (Jz 5.1-2): A fé fez diferença na vida de Débora. Tudo que ela fazia, ela colocava nas mãos de Deus e depois agradecia. Poder confiar e sentir a presença de Deus, dá ânimo e forças para seguir adiante. Lembro que alguém certa vez disse: "Eu planto sem agrotóxico, porque entendo que cuidar da natureza faz parte da minha tarefa de ser uma pessoa cristã". Cuidando do meio ambiente, estamos cuidando da criação de Deus.

“...enumero algumas atitudes desta mulher que nos querem encorajar a também sermos protagonistas de nossas ações.”

4º Foi uma líder respeitada (Jz 4.8): mesmo sendo mulher e vivendo em uma época onde o machismo era evidente, Débora foi respeitada na sua posição de liderança. Ela foi a única mulher das Escrituras a ocupar um cargo político elevado por escolha do seu próprio povo. Tem um ditado popular que diz: "Deus não apenas chama pessoas capacitadas, mas ele capacita aquelas escolhidas."

Ainda hoje vivemos numa sociedade que apresenta muitos desafios em relação a igualdade de gênero. Como pessoas cristãs somos chamadas a agir e fazer a diferença na sociedade, mas sempre tendo presente que cada pessoa é única e especial e foi criada à imagem e semelhança de Deus.

*Roili Borchardt – Pastora Sinodal do Sínodo Sul-Rio-Grandense. Ordenada pastora da IECLB em agosto de 1998 e em janeiro de 2015 assumiu o cargo de pastora sinodal. Natural de Schroeder/SC e graduada em teologia e História.

o recado da terra

O Recado da Terra é uma publicação do Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor, CAPA, que está ligado à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, IECLB.

Núcleos e coordenações
 Núcleo Erechim/RS – Ingrid Margarete Giesel
 erexim@capa.org.br
 Núcleo Marechal Cândido Rondon/PR – Vilmar Saar
 rondon@capa.org.br
 Núcleo Pelotas/RS – Rita Surita
 pelotas@capa.org.br
 Núcleo Santa Cruz do Sul/RS - Sighard Hermany
 santacruz@capa.org.br
 Núcleo Verê/PR – Jhony Alex Luchmann
 vere@capa.org.br

Jornalista Responsável: Cláudia Dreier, Reg. prof. 8149
 Textos, edição, projeto gráfico e editoração: Cláudia Dreier

O Recado da Terra circula duas vezes ao ano.
 Esta edição foi impressa em agosto de 2015.
 Maiores informações em www.capa.org.br

INSTITUIÇÕES PARCEIRAS



Arquivo CAPA Verê/PR

Agricultora de Verê encaminha para a comercialização sua colheita de couve-flor produzida no sistema agroecológico.



FLD trabalha pela justiça de gênero



“A compreensão bíblica da criação do ser humano indica um empoderamento em igualdade para mulheres e homens, sendo que a diaconia profética, política e transformadora deve denunciar todo e qualquer desequilíbrio de poder causador de desigualdades e exclusões, motivadas pelos valores androcêntricos do patriarcado.” Estas palavras introduzem a Fundamentação Teológico-Diaconal da Política de Justiça de Gênero da Fundação Luterana de Diaconia (FLD) que foi aprovada na Assembleia da entidade realizada no final de março de 2014.

Incluída nas atividades desenvolvidas pelo CAPA, Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor, (ver matérias das páginas 5 a 7), a Política de Justiça de Gênero da FLD é um documento normativo e estratégico que implementa a justiça de gênero como critério transversal para todas as dimensões de trabalho da FLD e para todos os projetos por ela fomentados ou executados diretamente. Visa promover o exercício de relações de gênero justas e igualitárias, vendo

nelas um potencial transformador das relações sociais.

Desde 2013, o compromisso de elaborar e implementar uma Política de Justiça de Gênero foi assumido pela FLD e inspirado em organizações como a Federação Luterana Mundial e a Aliança ACT. “O trabalho iniciou com um grupo de mulheres que recebeu o apoio interno de nossa entidade, de projetos e de organizações parceiras”, conta Susanne Buchweitz, assessora de comunicação da FLD. “Essa iniciativa é comparada a uma pedra jogada em um lago. Um único movimento forma muitas ondas que se propagam por toda a superfície da água, até atingir as margens mais distantes.”

FUNDAMENTOS SÓLIDOS

Ao longo da sua trajetória de atuação, a FLD tem apoiado uma série de grupos da sociedade civil, que atuam na defesa dos direitos das mulheres, bem como em iniciativas de fortalecimento da sua autonomia econômica. Entretanto, para que a relação entre mulheres e homens seja sustentada em relações justas, é preciso que organizações, sobretudo, as da sociedade civil, se comprometam com a definição e implementação de políticas orientadas para este fim.

Essa política justifica-se tanto pelos desafios internos que a FLD tem diante de si em termos de igualdade de mulheres e homens, desde o campo da governança, passando pelo campo da gestão e alcançando o campo da execução,

até os imensos desafios presentes na sociedade vigente, que envolvem reduzida participação das mulheres nos espaços e processos de tomada de decisões, além de altos índices de violência doméstica e de gênero.

Ao adotar a Justiça de Gênero como um compromisso público, a FLD o faz, inicialmente, voltada para o seu interior, de forma assumida e planejada, a fim de criar possibilidades de superação das desigualdades, colocando-se em movimento junto às organizações e grupos apoiados.

Com o intuito de atingir a Justiça de Gênero, a FLD reconhece a necessidade de compreendê-la de modo interseccional entre geração, etnia, classe social e orientação sexual, cujo objetivo é reconhecer que essas categorias

“se atravessam”, interagem entre si na construção das relações sociais, e suas determinações são profundamente afetadas por esses cruzamentos.

No ponto de vista da transformação das relações, ainda há muito para ser assumido e protagonizado, a fim de que a desigualdade e a injustiça entre mulheres e homens sejam enfrentadas de forma mais incisiva, e, de fato, superadas. Para contribuir com esse processo, a FLD compromete-se a orientar todo o seu agir (a partir de 2014), sustentado pela Política de Justiça de Gênero.

PARA SABER MAIS: O documento sobre a Política de Justiça de Gênero, totalizando 31 páginas, pode ser consultado na sede do CAPA ou ser acessado em http://fld.com.br/index.php/fld/publicacao/politica_de_justica_de_genero/



Encontro de capacitação da Rede de Comércio Justo e Solidário realizado pela FLD.

Princípios da Política de Justiça de Gênero

1. Linguagem Inclusiva de Gênero
2. Formação e Sensibilização Contínuas
3. Apoiar o empoderamento das mulheres e promover ativamente o envolvimento dos homens na justiça de gênero
4. Transversalização da Política
5. Equilíbrio Representativo
6. Superação da Violência
7. Justiça de Gênero como Critério de Análise de Projetos

Desde 2014, no Recado da Terra e em outros documentos, pronunciamentos e publicações relacionadas com a FLD, utiliza-se a linguagem inclusiva de gênero, tanto falada quanto escrita, usando-se palavras femininas, masculinas e por extenso.

Estratégias de atuação

Entre as estratégias de implementação da Política de Justiça de Gênero incluem-se atividades de formação nesta temática. A imagem acima mostra um treinamento que aconteceu em agosto de 2014, durante o encontro da Rede de Comércio Justo e Solidário.

Outras ações como abordagem participativa, programa de formação, estímulo a grupos de discussão, implementação da Justiça de Gênero como critério para projetos, adoção de linguagem inclusiva de gênero, inclusão nos processos de Planejamento, Monitoramento e Avaliação (PMA) e replicar grupos de gênero em outros espaços são descritas na página 25 do Plano, mas para colá-las em prática inicialmente é necessário ter claro a definição de justiça de gênero.

“Políticas de Gênero, sem o adjetivo da justiça ou igualdade, de fato, sempre existiram. Sempre houve políticas, com base legal ou tácitas, que regulavam as relações de gênero, estabeleciam parâmetros desiguais nos relacionamentos entre homens e mulheres, no espaço doméstico e na vida pública, e mantinham as mulheres distantes dos espaços de poder” contextualiza o documento na página 17, para em seguida especificar que política será adotada a partir dele.

“Trata-se, obviamente, de uma Política que gera equidade/igualdade e justiça, ao invés de perpetuar desigualdades e injustiças que constituem as bases de uma sociedade patriarcal androcêntrica. Igualdade e justiça que são duas noções caras à fé cristã.”

Poluição invisível pode causar doenças graves

Escondida aos olhos humanos, a poluição eletromagnética está cada vez mais presente no cotidiano através da utilização de telefones celulares, da proliferação de antenas para sua operação, do uso de tecnologia wireless, de controles remotos e de telefones sem fio. "O que as pessoas nem imaginam é que essas facilidades desequilibram o organismo dos seres vivos podendo causar doenças graves e de tratamento complexo como o câncer", alerta Álvaro Augusto Almeida de Salles, professor doutor da Escola de Engenharia da UFRGS.

Em maio de 2011, a Organização Mundial da Saúde (OMS) classificou estas radiações como possivelmente cancerígenas, "incluindo-as no Grupo 2B, e simultaneamente recomendou a redução sempre que possível da exposição a elas", comenta o professor. Há mais de três décadas, ele acompanha as pesquisas dos efeitos das ondas eletromagnéticas sobre o corpo, especialmente no cérebro que recebe a carga mais

direta. "Este é um assunto muito sério, que envolve um risco real à saúde das pessoas e não está recebendo a devida atenção por parte do poder público."

AÇÃO DEVASTADORA

Para entender a ação devastadora da poluição eletromagnética, Salles costuma compará-la aos raios ultravioletas emitidos pelo sol. "Esta energia, com comprimento de onda mais curto, ao entrar em contato com a epiderme provoca calor e ardência, chegando ao câncer cutâneo se a exposição for prolongada. Infelizmente não conseguimos perceber que a onda emitida pela telefonia móvel atravessa a pele e penetra nos tecidos e órgãos, causando o desequilíbrio das células."

Neste contexto, o pesquisador aponta, pelo menos, dois fatores agravantes. O primeiro é o somatório da intensidade da radiação a que as pessoas são submetidas no seu cotidiano. Nessa conta encontram-

-se a energia emitida pelo celular (mesmo quando não está sendo utilizado em ligações telefônicas), a poluição das torres de comunicação, aquela fornecida por aparelhos de wireless e outros. "Se voltarmos a comparar essa poluição com a luz solar, sabemos que quanto mais forte é o sol, mais graves serão as queimaduras na pele. Da mesma forma quanto maior a potência e o tempo de exposição, maior será o dano à nossa saúde".

Outro alerta é a respeito do grupo de maior risco: as crianças. A partir de modelos matemáticos desenvolvidos em cooperação com universidades europeias e americanas, a equipe do professor Salles constatou que por diversas razões, entre elas possuir a espessura do crânio mais fina e ter o cérebro e o sistema imunológico ainda em desenvolvimento, "as crianças são as que absorvem com maior profundidade essa poluição invisível e, portanto, estão sob maior risco. Por isso enfatizamos a necessidade de

mantê-las afastadas de celulares e de suspender o uso de wireless em escolas, prática já adotada por países como Suíça, Bélgica, Inglaterra, França, Rússia, Israel e Austrália. Nesses locais o acesso à web é feito por cabos, como de fibra ótica."

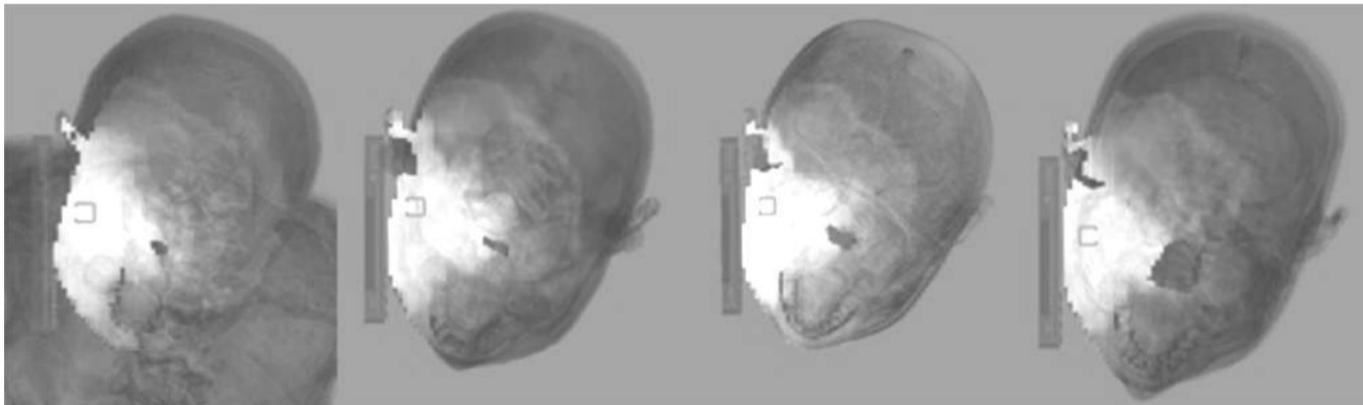
Dada a importância da comunicação por telefones celulares, o professor aconselha manter a maior distância possível entre o aparelho e organismo humano. "Nesse caso, a distância é nossa aliada e o tempo, nosso inimigo." Salles ressalta que nos manuais desses aparelhos existem recomendações para que os mesmos fiquem afastados do corpo humano. Tais informações estão em letras minúsculas, perdidas em meio a várias instruções de uso do aparelho. "Alguém de vocês já fez uma leitura completa do manual de seu celular? Se fizesse encontraria esses dados que parecem ter a mera função de proteger a empresa contra futuros processos de pessoas que adoeceram por utilizar essa tecnologia aparentemente inofensiva."

PARA SABER MAIS:

Artigo de Álvaro Augusto de Almeida Salles que trata da absorção eletromagnética no cérebro de adultos e crianças durante a utilização de aparelhos celulares, o qual está na publicação americana *Informa Healthcare*, e pode ser visto no link <http://informahealthcare.com/doi/abs/10.1080/15368370601054894>.

Depoimento de professora de Física afetada por câncer de cérebro e disponível em http://www.fgaia.org.br/Militancia%20Ambiental/Militancia%20Ambiental%20-%20Antenas%20de%20Celular/Depoimento_vitima_tumor_cerebral.html

Arte de Cláudio Fernandez



Radiação, em tons mais claros, tem maior penetração nos cérebros infantis do que no de uma pessoa adulta (imagem à direita).

Fermentados auxiliam assimilar vitamina B12

No mês de maio, a Comunidade Evangélica de Estrela/RS, vinculada à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, promove o Festival do Chucrute. Estudos recentes apontam que esse alimento é muito importante para assimilar vitaminas como a B12.

Relacionada ao poder de concentração e à memória, a Cianocobalamina ou Vitamina B12 é absorvida pela microflora intestinal. "Se esta estiver enfraquecida ou prejudicada pelos microorga-

nismos maléficos, a pessoa não consegue assimilar a B12 através da alimentação", comenta a médica naturista Ivone Renck que enfatiza a importância do bom funcionamento do intestino para a saúde e o bem-estar.

Uma maneira de fortalecer esta microflora, muitas vezes prejudicada por alimentos industrializados e pelo cloro na água, é utilizar os alimentos fermentados que possuem a propriedade de reconstituí-la. Entre eles desta-

cam-se os iogurtes naturais; o missô resultante da fermentação de soja e de arroz; e o tradicional chucrute que pode ser feito com repolho ou com outras hortaliças.

"O chucrute de repolho, por ser rico em vitamina C, salvou a vida de vários marinheiros na época das Grandes Navegações" conta

Lauderson Holtz, do CAPA/Santa Cruz do Sul. "Para dar um toque a mais neste alimento podemos colocar louro ou outras ervas."

PARA SABER MAIS: No livro *O cérebro desconhecido*, da Editora Objetiva, o médico Hélon Póvoa ressalta a importância do intestino na elaboração de neurotransmissores como a serotonina.

Chucrute de repolho

Ingredientes
1 kg de repolho
15 g de sal

Pode ser feito com nabos, pepinos, cenouras e outras hortaliças.

Repolho: uma das verduras mais ricas em vitamina C. Possui também sais minerais como cálcio e as vitaminas U e B6.

Modo de preparo

Pique o repolho, junte o sal e aperte até que a verdura libere água. Coloque-o bem prensado em um recipiente de vidro ou porcelana. Cubra-o com folhas de repolho inteiras e ponha um peso para que o repolho fique abaixo do líquido, evitando a entrada de ar e a oxidação. Estará pronto a partir de dez dias.



Mesa no Festival do Chucrute, realizado anualmente em Estrela/RS.

Gilciney Tetzner



CAPA de Pelotas realiza atividade que denuncia violência doméstica

Para responder ao desafio da violência doméstica, que ocorre principalmente contra mulheres, crianças e pessoas deficientes, o CAPA/Núcleo Pelotas/RS trouxe a exposição "Nem tão doce lar", montada no calçadão da cidade no final de 2013. "Este é um projeto da Fundação Luterana de Diaconia (FLD) que recria uma casa, com seus variados cômodos, e sinaliza neles cenas relacionadas à violência doméstica que por muitas vezes passam despercebidas no cotidiano," explica Daniele Schmidt Peter, técnica do CAPA Pelotas.

A mostra nasceu a partir de uma exposição internacional chamada Rua das Rosas, criada pela antropóloga alemã Una Hombrecher, com o apoio da agência Pão para o Mundo (PPM). A proposta inicial, que tinha ainda uma linguagem europeia, foi apresentada em Porto Alegre (RS), de 14 a 23 de fevereiro de 2006, durante a 9ª Assembleia do Conselho Mundial de Igrejas (CMI). Esta primeira exposição esteve sob a coordenação da FLD e um consórcio de organizações da sociedade civil que atuam denunciando e construindo possibilidades de superação

da violência.

Posteriormente, a partir de um amplo processo de construção coletiva, a exposição recebeu um enfoque brasileiro. O nome Nem Tão Doce Lar faz alusão à citação Lar doce Lar, muito comum em casas brasileiras. Assim também nasceu a marca Nem Tão Doce Lar, criada a partir de um delicado bordado em ponto de cruz, emoldurado como um quadro. Esse quadro, representativo do que deveria ser o ambiente familiar, amoroso e cheio de cuidados, está quebrado, indicando um ambiente violento.

Em Pelotas, além de receber o apoio de um conjunto de entidades parceiras, a exposição foi local de uma Audiência Pública sobre o tema, que contou com o pronunciamento da coordenadora do CAPA Pelotas, Rita Surita. "A participação desta jornada de ativismo pelo fim de violência das mulheres é um compromisso da entidade que tem seu foco no trabalho em busca da cidadania plena e dos direitos humanos, com especial atenção aos direitos básicos como alimentação e uma vida saudável e digna", enfatizou Rita.

Ao reunir artigos de especialistas, a FLD organizou uma cartilha de 74 págs. que aprofunda esse assunto, trazendo, entre outros títulos, a violência contra a mulher, verdades aprendidas e desconstruídas, sujeitos invisíveis e impactos em crianças, pessoas jovens e idosos.

Grupos interessados em levar a mostra para suas cidades devem contatar diretamente a FLD, que

orienta todo o processo, assessorando a capacitação de acolhedoras e acolhedores, monitorando o desenvolvimento e desdobramento das atividades. O contato é feito através do e-mail fld@fld.com.br

PARA SABER MAIS: A cartilha sobre este projeto, com vários artigos de especialistas no tema, pode ser acessada em <http://fld.com.br.s125105.gridserver.com/arquivos/4e920744419a504ddfc5317e4087c7a20.pdf>



Audiência Pública na exposição "Nem tão doce lar" que aconteceu em Pelotas/RS.

Viver e construir o feminismo com agroecologia

Artigo de Cíntia Barenho *

Problematizar o debate de gênero e discutir o feminismo é uma ousadia necessária e urgente. Ainda mais quando vivemos em período onde o conservadorismo religioso cresce em nosso país, que é um Estado Laico, conforme nossa constituição federal.

Há diversas e diferentes vertentes e entendimentos da discussão de gênero. A proposta aqui é problematizar o viver e o construir o feminismo, apoiado na agroecologia, que o movimento feminista internacionalista - Marcha Mundial das Mulheres (MMM) - entende e constrói cotidianamente.

A MMM é uma ação do movimento feminista internacional de luta, que surgiu pautando a pobreza e a violência sexista. No Brasil, a Marcha Mundial das Mulheres aproximou setores do movimento autônomo de mulheres, movimento popular e sindical, rural e urbano; ampliou o debate econômico entre as mulheres e as trouxe para às ruas.

Consiste em um movimento plural, que constrói a perspectiva feminista a partir do questionamento do capitalismo neoliberal,

no qual entendemos ser machista, racista e homofóbico.

Existem fórmulas prontas para o viver feminista? Certamente não, mas há um conjunto de ideais e ideais feministas que apontam caminhos.

Um ponto de partida é a necessidade de desconstruir/destruir o Patriarcado. Sistema este que estabelece relações antagônicas entre homens e mulheres, nos colocando como subalternas. Organiza a sociedade e o Estado ao redor da superioridade masculina em todos os âmbitos (econômico, político e cultural), e em todas as relações sociais (família, comunidade, escolas, sindicatos etc).

Baseia-se, essencialmente, na divisão sexual do trabalho, que divide ocupações e comportamentos segundo o sexo, estabelecendo, uma hierarquia entre eles. As ocupações ditas masculinas são as mais valorizadas e estão relacionadas ao espaço público, e as ditas femininas são desvalorizadas, e estão relacionadas principalmente ao trabalho doméstico e de cuidados, ao âmbito privado. Baseia-se, ainda, em uma

construção social dos corpos que transforma em objeto o corpo das mulheres, justificando a violência e a apropriação do seu corpo por parte dos homens.

A MMM evidencia que o Patriarcado adaptou-se às diversas formas de organização econômica, social, cultural e política que surgiram ao longo da história, mantendo a relação de desigualdade entre homens e mulheres. Hoje, estrutura o Sistema Capitalista, logo é preciso empenhar-se para desconstrução do patriarcado, se buscarmos mudar o paradigma de desenvolvimento em que vivemos.

Ele se reflete em nossas famílias e faz com que tenhamos relações desiguais e de conflitos entre homens e mulheres adultas (pais e mães); entre pais e filhas; e até mesmo entre irmãos e irmãs, ou entre os e as jovens. Interessante buscarmos essas desigualdades no âmbito do Rural, especialmente quando se discute e muito mecanismos de promover a sucessão rural, fenômeno crescente junto a Juventude Rural.

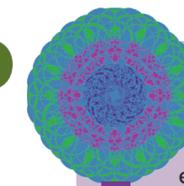
Ao tratarmos utilizarmos o

conceito de Agricultura Familiar, de famílias rurais, encobrimos as desigualdades, presentes nas famílias. São desigualdades que fazem com que mantenha-se o entendimento que os homens trabalham e as mulheres ajudam. E que, igualmente, as/os jovens somente ajudam o pai no trabalho da propriedade rural. Além disso, que os homens, são os detentores do conhecimento e que os/as jovens precisam seguir os mesmos passos. Essas desigualdades excluem os/as jovens das decisões familiares; invisibilizam o trabalho produtivo e reprodutivo das mulheres; favorecendo o esvaziamento e a masculinização do campo. O Patriarcado faz com que jovens queiram ir para a cidade estudar e não mais voltar, ou não apostar, por exemplo, numa transição agroecológica.

*Cíntia Barenho é Bióloga, mestre em Educação Ambiental. Integrante do Centro de Estudos Ambientais e Marcha Mundial das Mulheres. O artigo completo está na revista da Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil. A íntegra pode ser lida nas páginas 25 a 30 do link <https://feab.files.wordpress.com/2015/03/revista-feab-agronomia-em-foco-1-ed.pdf>



CAPA atua em prol da justiça de gênero



Santa Cruz do Sul

Agricultoras criam grupo de produção

As mulheres são as protagonistas no processo produtivo do Grupo de Agricultoras e Agricultores Ecológicos de Forqueta em Arroio do Meio- RS. O grupo iniciou suas atividades há mais de 16 anos, sendo pioneiro na prática de Agroecologia no Vale do Taquari (veja foto maior na capa deste jornal).

“No início, integrantes cultivavam pepino para conserva em estufas e com uso de agrotóxicos” conta Helena Warken, que faz parte do grupo. Nos anos seguintes surgiram pragas na cultura, doenças nas pessoas e baixou a rentabilidade das colheitas, assim veio a conscientização de que tal produção não era saudável. “Decidimos então cultivar algo que seja bom para a saúde, porque também consumimos esse alimento”.

Cabe às mulheres o preparo da terra, o cultivo das hortaliças, a realização da colheita e a comercialização. “Também somos nós que nos reunimos para fazer o planejamento da produção, definir o que cada uma vai cultivar e como vai ser escoada essa produção”, ressalta Helena.

O grupo tem o apoio do escritório municipal da Emater, da Comissão Pastoral da Terra e do Centro de Apoio ao Agricultor, CAPA/Santa Cruz/RS. Das dez famílias que integram o grupo, cinco já possuem sua propriedade certificada através da Rede Ecovida.

No início, havia muitas dificuldades incluindo técnicas de produção, conhecimento das culturas e de comercialização, pois tanto o padrão dos produtos deixava a desejar aos olhos de consumidores, quanto havia necessidade de adequar-se à demanda e à constância no fornecimento de produtos ao mercado. “Hoje, muitas dificuldades foram superadas. A produção de hortaliças orgânicas é comercializada em banca no mercado do STR de Arroio do Meio, na feira municipal, no Programa de Aquisição de Alimentos da Agricultura Familiar (PAA), no Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e também na venda direta à consumidora e ao consumidor”.

Helena afirma que hoje os produtos estão mais bonitos porque a base da produção, o solo, está recuperada. Com o solo rico em matéria orgânica e microrganismos, a produção é de qualidade e o uso de caldas e repelentes é mínimo.

Ao longo da caminhada, o grupo visitou outras experiências de produção, participou de encontros e seminários como o Encontro Ampliado da Rede Ecovida de Agroecologia (veja matérias nas pgs. 8, 9 e 12) e agora está aberto para receber visitas de grupos diversos.

(Contribuíram na elaboração deste texto Lauderson Holz e Helena Warken.)



Família assessorada pelo CAPA/Núcleo Pelotas/RS.

Verê

Benesses do trabalho coletivo

Contando com a assessoria do CAPA/Núcleo/Verê, foi criado um grupo de mulheres para beneficiar de maneira coletiva os produtos da agricultura familiar de integrantes da Associação de Produtores Agroecológicos de Verê (APAV). “Ao trabalharmos juntas, partilhamos nossas experiências e conhecimentos, fortalecendo-nos pelo convívio”, comenta Izoete Cagnini, coordenadora de logística do grupo nas atividades da cozinha.

Segundo Izoete, que integra esse coletivo desde 2010, anteriormente grande parte da produção da horta familiar era perdida. “A partir do apoio do CAPA, organizamos nosso planejamento de produção e o excedente é beneficiado na cozinha, de maneira padronizada”.

Participam do grupo de cinco a seis mulheres, de acordo com a necessidade da produção. Na época da safra, como em agosto, quando a colheita do tomate é transformada em extrato e molho, elas reúnem-se diariamente. Em períodos de menor produção, o grupo chega a encontrar-se duas vezes por semana

ou menos, conforme a demanda.

Além da troca de experiências cotidianas, as integrantes realizam cursos de aprimoramento na produção, organizados pelo SENAR e pela Universidade Tecnológica do Paraná campus Francisco Beltrão. Entre eles encontram-se *Higiene e boas práticas de manipulação de alimentos* e *Produção artesanal de alimentos: conservas vegetais, compotas, geleias e doces*.

Na cozinha da APAV, que funciona como uma agroindústria, as mulheres produzem doces, geleias, conservas diversas e molho de tomate. Nessa prática agrega-se valor aos produtos primários e garante-se a geração de renda para as agricultoras e agricultores que fazem a produção.

“O grupo permitiu aumentar nossa qualidade de vida, tanto pelo convívio, pois é como se fôssemos uma família, quanto pela qualidade dos alimentos, por ser tudo orgânico, bem como pela remuneração do que anteriormente era descartado, devido ao excesso de produção.”, conclui Izoete.

Marechal Cândido Rondon

Grupo capacita e fomenta participação das mulheres

Coordenar atividades do Grupo de Mulheres de Vila Margarida, distrito de Marechal Cândido Rondon, integra o rol de atuação do CAPA/Núcleo/Marechal Cândido Rondon/PR. O grupo costuma reunir-se uma vez por mês, no mínimo, no período da tarde ou em tempo integral, se necessário.

“A questão de gênero está sempre presente”, comenta Patrícia Aparecida Favorito, Engenheira Agrônoma e membro da Equipe Técnica do CAPA. “Como a maioria das integrantes trabalha com gado leiteiro, no decorrer de nossos encontros, destacamos a importância da mulher participar das atividades administrativas juntamente com seu marido.”

Recentemente aumentou o interesse das agricultoras e atualmente o grupo abrange 32 participantes, revela Patrícia que juntamente com Thais Fernandes Monteiro, técnica em Agroecologia, organiza as atividades. “No final do ano, realizamos o planejamento da futura agenda, levando em conta o interesse das mulheres e o que elas buscam, sempre dentro de nossas possibilidades e adaptado à realidade local”, conta Patrícia.

Segundo ela, geralmente são ativida-

des úteis que atendem à personalidade do grupo e refletem a realidade da vida das participantes. “Desenvolvemos atividades voltadas para a agroecologia e para a agricultura sustentável”.

Entre as oficinas e treinamentos, estão incluídos vários temas, desde o manejo de plantas ornamentais como rosas e orquídeas, à produção de biofertilizantes e de sabão caseiro, ao aprendizado de técnicas de podas

e enxertia, bem como oficinas de plantas medicinais e condimentares. Um destaque neste rol foi o curso de inclusão digital. “Agora as mulheres comunicam-se pelo facebook, estando alfabetizadas nesta tecnologia digital” conta Patrícia.

Além deste grupo, o CAPA realiza trabalho similar na Vila Rural Santa Clara e está organizando outro grupo nos mesmos moldes em Quatro Pontes.



Patrícia Aparecida Favorito

Ao logo de mais de três décadas de atuação, ao apoiar e promover as famílias, o CAPA tem buscado a igualdade de gênero, valorizando e criando oportunidades para que mulheres sejam empoderadas, respeitando-as em suas características peculiares e promovendo sua autonomia. Cada núcleo do consórcio, a seu modo, atua em prol deste objetivo. O *Recado da Terra* registra aqui algumas atividades nesta caminhada (veja as matérias desta e da página anterior).

Intercâmbio Urbano e Rural

Em dezembro de 2014, mulheres das associações de recicladoras da cidade de Erexim/RS foram ao interior de Severiano de Almeida/RS para conhecer experiências de organização, gestão e de geração de renda no meio rural: tecnologia social de Produção Agroecológica Integrada e Sustentável (PAIS), horto medicinal e a produção de hortaliças.

A primeira parada da viagem foi na propriedade de Idete e Mariano Sencovski, para conhecer a implantação da tecnologia social PAIS, a horta mandala e a enxertia em frutíferas. Em seguida, foi visitado o horto medicinal “Horto Plantas Nossa Senhora da Saúde”, onde também foi realizado o lanche. À tarde o grupo conheceu a produção familiar de Lorene e Arlindo Fantin onde um de seus filhos auxilia no plantio de hortaliças.

As famílias visitadas comercializam seus produtos em feiras tanto

em Severiano de Almeida quanto em Erexim, sendo certificadas pela Rede Ecovida de Agroecologia. As recicladoras conseguiram conversar e visualizar possibilidades de aquisição de medicamentos naturais e de alimentos não contaminados por agroquímicos que são produzidos por essas famílias. Também adquiriram muitos alimentos, fresquinhos, colhidos nas hortas.

Os intercâmbios complementam os 45 cursos sobre cooperação agrícola, alimentação saudável e gênero e geração de renda, realizados em 15 municípios. “Esta proposta permite o questionamento, a conscientização e o comprometimento das agricultoras para que desenvolvam o pensamento crítico e adotem posturas e práticas pessoais e coletivas, colaborando na construção de uma sociedade justa e de um ambiente saudável” explica Ingrid Margarete Giesel, coordenadora do CAPA/Núcleo Erexim/RS.

Liderança feminina em cooperativas

Tanto no Paraná, quanto no Rio Grande do Sul mulheres assumem a presidência de cooperativas assessoradas pelo CAPA/Núcleo Verê/PR e pelo CAPA/Núcleo Santa Cruz do Sul/RS.

Em 22 de maio, foi fundada a COOPERVEREDA: Cooperativa de Produtores Orgânicos e Agroecológicos do Sudoeste do Paraná, que elegeu como primeira presidenta a agricultora Rosineli Meireles da Silva. A entidade foi fundada por 22 sócias e sócios.

“O CAPA é um grande incentivador e motivador dessa conquista,

pois entendemos que a organização das agricultoras e agricultores é fundamental para promover sua autonomia e viabilizar sua permanência no campo, assim como iniciativas que promovam a agroecologia”, comenta Elaine Zanetti técnica do CAPA/Núcleo Verê/PR.

No dia 12 de agosto, a Cooperativa Regional de Agricultores Familiares Ecológicos (ECOVALE) completa 15 anos e, atualmente, é presidida pela agricultora Teresinha Weber (confira maiores detalhes sobre seu trabalho na entrevista da pg. 11)

Construindo a Igualdade de Gênero

Uma palestra com a temática Construindo a Igualdade de Gênero foi realizada no dia 15 de abril, na Linha Napoleão em Severiano de Almeida/RS. O evento surgiu como um desdobramento do Curso sobre *Gênero e Geração de Renda* envolvendo toda a família.

As participantes do curso queriam socializar a temática com a sua comunidade e familiares, pro-

curando refletir sobre as relações entre mulheres e homens, percebendo que a sociedade atribui mais poder, maior valor, maior força organizativa e maior força política aos homens, assim, as mulheres acabam ficando em segundo plano. A ideia é começar a criar novas relações entre homens e mulheres a partir da igualdade entre meninos e meninas.

Cursos de gênero e geração de renda em Erexim

Em 2014 o CAPA/Erexim/RS realizou 15 cursos de Gênero e Geração de Renda e dois Intercâmbios Rural e Urbano, inseridos no Projeto Mulheres Conquistando Espaços e Gerando Renda no Campo, uma parceria do Sindicato dos Trabalhadores na Agricultura Familiar do Alto Uruguai e do Ministério de Desenvolvimento Agrário.

“A participação das mulheres foi ativa e propositiva para realizar mudanças na produção de alimentos, na redistribuição das tarefas domésticas e na busca de alternativas à geração de renda”, conta a coordenadora Ingrid Margarete Giesel. “Unimos 470 mulheres de 26 municípios do Alto Uruguai.”

Ingrid enfatiza que as mulheres recebem, no dia a dia, um tratamento desigual em relação aos homens. “Na

agricultura, estas desigualdades são acentuadas. Abrimos um diário para entender como as agricultoras vivem, como enxergam-se no universo da produção agrícola e como podemos contribuir para a sua organização através de grupos de produção e de comercialização, visando a geração de renda.”

Os cursos levam em conta que as condições desiguais em que vivem homens e mulheres não são ocasionadas pela diferença biológica, existente entre ambos, e sim pelo papel reservado a cada qual na sociedade. “Tais construções sociais e econômicas geraram uma relação social de sexo. Nestes cursos procuramos refletir também sobre os limites impostos às mulheres na conquista da autonomia econômica, sob a perspectiva das relações de gênero e da divisão sexual do trabalho” explica ela. A definição de divisão sexual do trabalho expressa as relações de poder entre homens e mulheres,

que se distribui de forma desigual, conformando a subordinação feminina e sua invisibilização no processo de construção da história.

“Nos diferentes espaços de formação e intercâmbios foi possível tirar muitas lições de motivação, superação, força, enfrentamento, momentos de tristeza e de alegrias. Agricultoras tiveram a oportunidade de agradecer pela vida, enxergar o que o meio rural tem de bom e valorizar a importância de repassar isso para as futuras gerações” revela Ingrid. Comparando o rural e urbano, em algumas situações os problemas são muito parecidos, ocupando uma posição subordinada e o trabalho realizado pelas mulheres geralmente aparece com menor importância, mesmo quando elas trabalham tanto quanto os homens ou executam as mesmas atividades. “Temos muito para avançar com relação às mulheres, quanto ainda precisa ser feito e conquistado!” conclui.

Encontro dá voz e vez para jovens e mulheres

No 9º Encontro Ampliado da Rede Ecovida, realizado em abril na cidade de Marechal Cândido Rondon/ PR, mulheres e jovens que trabalham com Agroecologia apresentaram um retrato da realidade em que vivem, buscando soluções para resolver os principais desafios impostos pelo sistema vigente. O evento foi caracterizado por intensa participação nas grandes plenárias, pela feira de Saberes e Sabores, por intercâmbios, por dezenas de oficinas e por seminários. Entre estes, dois destacam-se nesta matéria: Mulheres: Gênero e Agroecologia e Formação, Juventude e o Futuro da Rede Ecovida.

ESTRATÉGIAS

Focalizado por Fernanda Marfil, que, na data do evento, pertencia à Coordenação da Rede Ecovida, o Seminário da Juventude reuniu dezenas de jovens que fizeram uma análise da situação do campo, apontando os principais desafios e maneiras de superá-los. "A Agroecologia é um caminho para a volta e a afirmação da juventude no campo", afirma a jovem Fernanda. "Além de plantar e colher o alimento, a organização em Rede permite a industrialização e a venda direta, completando a cadeia produtiva e, também, ampliando o retorno financeiro de quem produz."

As reflexões da reunião foram sistematizadas em um painel (ver

desenho abaixo) elaborado a partir da metodologia de facetação gráfica, a qual remete às histórias em quadrinhos por utilizar desenhos, cores diversas e frases curtas. A responsável por tal sistematização foi a jovem Raissa Theberge, da AS-PTA do Rio de Janeiro. Entre as ideias ilustradas no painel destacam-se: a juventude não é o futuro, é o presente; a importância da família na permanência do jovem; campo como um local de qualidade de vida; juventude protagonista; educação para jovens do campo na Escola do Campo; orgulho de ser agricultora e agricultor.

Além do painel, jovens levaram à grande plenária do encontro quatro encaminhamentos principais a fim de ampliar e fortalecer o espaço da juventude. O primeiro deles, em nível estrutural, consiste em criar um grupo de trabalho coletivo da juventude agroecológica para fomentar a sua participação e reconhecimento na Rede. Os demais abrangem ações práticas, como criar uma página de diálogo no Facebook, organizar mais eventos destinados à juventude agroecológica e intensificar a formação política dos jovens.

"É fundamental para nossa organização que a juventude do campo esteja articulada com jovens da cidade", enfatiza Fernanda. "Para termos êxito em nossas propostas e garantir que no futuro ainda existam pessoas que produzam alimentos, precisamos fortalecer



Cláudia Dreier

Mulheres partiram vivências em seminário sobre questão de gênero e agricultura. a identidade e a auto-estima da juventude agricultora. E, a partir deste resgate e valorização, assumir viver no campo como um modo de vida." (*O próximo Recado da Terra terá como tema a Juventude*)

QUESTÃO DE GÊNERO

Mulheres de vários estados brasileiros e alguns homens interessados na temática participaram com entusiasmo do Seminário Mulheres: Gênero e Agroecologia. "Devemos romper com o papel de ajuda e desvalorização imposto às mulheres pela sociedade. Nossa luta cotidiana, que inicia nas pequenas coisas até chegar à raiz do sistema capitalista, deve ser pensada em todos os espaços em que se vive, pois não se pode agir sem uma reflexão prévia" afirma Sandra Rocha Rodrigues, facilitadora da reunião.

Uma dificuldade apontada pelas agricultoras foi a grande sobrecarga de trabalho, pois cabe a elas cuidar de filhas e filhos, de pessoas doentes e do gerenciamento doméstico. Assim, por falta de apoio em tantas demandas, muitas abandonam a produção de alimentos. "E acabam renunciando a uma parte de si mesmas. A Agroecologia faz parte da cosmovisão das mulheres, pois ambas geram e transformam a vida", reflete Car-

mem Munarini, outra facilitadora do seminário.

Durante a reunião foram levantadas ações já desenvolvidas e novas propostas para aumentar a autonomia das mulheres e criar possibilidades para romper a opressão. "A partir da atividade de resgatar sementes, formamos um grupo para empoderar mulheres, no qual trabalhamos a valorização e a conscientização de como romper modelos opressores", relata Elci da Paz Scheffer, integrante da ACERT, Associação dos Colonos Ecologistas da Região de Torres/RS. "Nosso grande inimigo comum é o machismo", enfatiza ela.

Um dos pontos altos da reunião foi quando participantes apontaram características da Agroecologia que possuem a essência do feminino. Entre elas o cuidado, o bem-querer, a partilha e a generosidade. "Cabe a nós fazer prevalecer o feminino e construir a concepção feminina em cada uma. Quando a mulher se liberta, também liberta o homem. Precisamos ter bem claro quais são as cercas a serem rompidas", alerta Sandra. Como encaminhamentos feitos à grande plenária do Encontro, foram destacados a linguagem inclusiva, a paridade de gênero nos momentos de relatos e apresentação de trabalhos diversos, a criação de grupos de gênero nos Núcleos e na Rede Ecovida.

Cláudia Dreier



Depoimentos sobre o Encontro

A demanda pela certificação vem crescendo em função das exigências da consumidora e do consumidor, principalmente dos mercados mais distantes, que querem ter segurança em relação ao produto que estão adquirindo. Além do Sistema Participativo de Garantia, a Rede é um espaço de articulação entre pessoas e organizações praticantes da agroecologia na perspectiva do seu fortalecimento, troca de experiências e expressão política e visibilidade da proposta da Agroecologia na sociedade e órgãos governamentais. Participantes do encontro sentem-se fortalecidas e fortalecidos, com novo ânimo e energias para continuar vivenciando Agroecologia. Sighard Hermany - CAPA SANTA CRUZ

A riqueza do Encontro está nos detalhes mais simples: novas amizades, troca de sementes, de saberes, comercialização da produção, momentos de interação e diversidade cultural. Talvez o mais importante para agricultoras e agricultores é saber que não se está só nesta jornada, existem muitas pessoas que estão próximas e em outras regiões, constituindo uma teia, uma rede, a Rede Ecovida. Um diferencial foi a participação de visitantes de vários países da América Latina, como Equador, Venezuela, Colômbia, que partilharam suas experiências em Agroecologia. Para o CAPA é um momento ímpar, pois seu trabalho se fortalece com a Rede Ecovida Jhony Alex Luchmann - CAPA VERÊ

Sempre que possível participo dos encontros da Rede Ecovida, pois é muito especial, fortalece e renova energias e forças. Observar e vivenciar a troca de sementes e mudas, a socialização das experiências, a diversidade de produtos, a Feira de Saberes e Sabores, é um aprendizado rico. Podemos rever pessoas que fazem parte do processo histórico que tem por objetivo maior a promoção da Agroecologia, o incentivo ao trabalho de cooperação agrícola, a geração de um processo de certificação participativa, a valorização dos mercados locais e da venda direta. O encontro em Marechal Cândido Rondon propiciou tudo isso e muito mais, incluindo a programação cultural! Parabéns à organização do encontro. Ingrid Margarete Giesel - CAPA EREXIM

Painel reflete sobre conjuntura atual

Breve histórico

Em 1998, o Movimento Agroecológico do Sul do Brasil cria a Rede Ecovida de Agroecologia, que resulta de um longo processo histórico a partir da ditadura militar brasileira. Nesta época, décadas de 1960 e 1970, iniciou a imposição da Revolução Verde onde, no mesmo pacote de financiamento, além de sementes era obrigatória a compra e utilização de agrotóxicos e adubos químicos.

Na década seguinte, com o fim da ditadura, ressurgem os Movimentos Sociais do Campo e realizam-se os Encontros Regionais de Agricultura Alternativa (ERAAS) e Encontros Brasileiros de Agricultura Alternativa (EBAAS). Em 1982, é aprovada em Porto Alegre a Lei 7747, que dispõe sobre o controle de agrotóxicos. Um pouco antes e no início da nova década surgiram muitas Organizações Não Governamentais, entre elas o CAPA, que, em diálogo permanente com os movimentos sociais do campo, multiplicam as iniciativas práticas de produção agroecológica.

Nos anos 1990, inicia-se a discussão de um Marco Legal da Agricultura Orgânica no Brasil. Na sua construção se evidenciaram diferentes posições: uma visão da agricultura orgânica restrita ao mercado e a outra visão, da Rede Ecovida e dos Movimentos Sociais, que tem na Agroecologia uma alternativa de transformação do mundo rural.

Desde sua criação, a Rede passou a assumir um papel estratégico e decisivo na construção da Agroecologia no país, sempre buscando articular-se com outras organizações e redes do campo agroecológico, no Brasil e no exterior. Assim, o fez na construção do I Encontro Nacional de Agroecologia e na organização da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA). A Rede também integra, em nível internacional, o Movimento Agroecológico Latinoamericano (MAELA) e o Fórum Latinoamericano de Sistemas Participativos de Garantia.

O embate em torno da regulamentação da Agricultura Orgânica resultou na promulgação da Lei 10.831, em 23 de dezembro de 2003. Nesta, a Rede Ecovida desempenhou um papel importante para que, duas bandeiras centrais defendidas pela Rede, o controle social e a certificação participativa fossem contempladas neste Marco Legal, inovador em legislações desta natureza.

Os últimos anos se caracterizam por um avanço considerável das experiências de produção e comercialização de produtos orgânicos e agroecológicos dentro e fora da Rede Ecovida. Se no primeiro momento estas experiências foram construídas com esforços da sociedade civil, à margem do apoio do Estado, nos últimos quinze anos vem se desenhando e consolidando políticas públicas que apoiam a Agroecologia.

Nesta construção são expressivos os acúmulos exercidos nas experiências práticas e, sobretudo materializados na institucionalização da Agroecologia no Brasil, desde o marco legal - Lei 10.831, às instruções normativas a ele relacionadas e à Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (PNAPO). A conjuntura no momento evidencia crescentes incertezas econômicas, ambientais e sociais, que devem estimular a reflexões estruturais e conjunturais.

Parte do texto lido na abertura do encontro.

Uma plateia atenta acompanhou o Painel Análise da Conjuntura, que teve como principais palestrantes André Burigo, Renata Amaral e Maria Emília Pacheco e aconteceu na manhã do dia 21 de abril.

Como representante da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO), André contou um pouco da história da entidade que surgiu nos anos 1970 e, na 8ª Conferência Nacional de Saúde, foi a proponente da implantação do Sistema Único de Saúde (SUS). Ele ressaltou que conforme o Artigo 196 da Constituição Federal, a saúde é um direito de cada integrante da população e um dever do Estado. "Na medida em que avança o Agronegócio, aumentam os prejuízos à saúde em geral", comenta André enfatizando: "as obras do PAC são violentas para as populações tradicionais, favorecendo o Agronegócio".

Para ele, o enfraquecimento da Agroecologia no contexto da política nacional pode ser percebido em várias instâncias. A aprovação de transgênicos pela CTNBio, a PEC 215 sobre a demarcação das terras indígenas, a maior venda de agrotóxicos e a condução do Pronatec, responsável pela educação no campo, pela atual Ministra da Agricultura que é grande defensora do Agronegócio.

"Devemos estar unidos para evitarmos retrocessos", enfatiza



Palestrantes aplaudidos com entusiasmo no final da apresentação do painel.

ele, convidando as pessoas presentes a estarem atentas à agenda do Movimento Agroecológico. André anunciou o lançamento do livro "Dossiê dos Agrotóxicos", publicação feita pela ABRASCO.

Representando o IDEC, uma ONG em defesa dos consumidores, Renata mostra o abismo entre o preço de produtos orgânicos vendidos em feiras e o praticado em supermercados. Em Curitiba a diferença chega a 460%.

"Em nosso site temos o mapa das feiras orgânicas no país, presentes em mais de 130 cidades. Os únicos estados que não possuem feiras são o Maranhão e o Mato Grosso". Mesmo assim, o consumo é baixo, somando menos de um por cento das famílias e o grande desafio é como chegar,

principalmente às populações vulneráveis dos centros urbanos.

Encerrando o painel, Maria Emília Pacheco, da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) afirmou que "somos sinal de um novo tempo por estarmos construindo uma nova história: mudamos a paisagem de maneira essencial para relacionarmos saúde com meio ambiente". Segundo ela, a Agroecologia permite uma preservação integral da cultura e do ambiente. "A atual crise da água é fruto do modelo agrícola vigente que degrada o ecossistema e a vida como um todo."

PARA SABER MAIS: O Dossiê da ABRASCO: Impactos dos Agrotóxicos na Saúde pode ser acessado em <http://abrasco.org.br/dossieagrototoxicos/>. O Mapa das Feiras Orgânicas do IDEC está em <http://feirasorganicas.idec.org.br/>

Galeria de imagens

Atividades para diversas faixas etárias fez parte do Encontro da Rede Ecovida. O "Encontrinho" (imagem ao lado) foi criado para atender às filhas e aos filhos de agricultoras e agricultores. "Além do entretenimento, sempre focado na realidade em que vivem e nas diretrizes da Agroecologia, o cuidado com as crianças funciona como uma espécie de creche e permite às mães e aos pais uma participação tranquila nas diversas atividades", comenta Vilmar Saar. (Outras imagens estão no Facebook Rede Ecovida no link fotos)



Restaurante do evento: local de intenso intercâmbio. Lúcia e Wladislau Langgwinsky: casal associado a Ecovida há cinco anos.

15 a 17 de setembro 2014

Seminário Avaliação Institucional Consórcio CAPA, Cascavel/PR. Todos núcleos do CAPA.

29 e 30 de setembro de 2014

Reuniões de **avaliação e planejamento dos projetos PAAs e PNAEs**, em Mal. C. Rondon, Missal e Foz do Iguaçu. CAPA Rondon e parceiros.

Setembro a Novembro de 2014

Atividades na UBS São Vicente de Paula em Erexim/RS: **Implantação de uma horta mandala** com plantas medicinais na sede da UBS. CAPA Erexim.

08 de outubro de 2014

Assessoria sobre Alimentação Saudável em Coronel Teixeira - **OASE** da Paróquia de Marcelino Ramos/RS. CAPA Erexim.

09 de outubro de 2014

IV seminário da Agricultura Familiar, Assunção no Paraguai, com organizações do Chile, Argentina, Paraguai, Uruguai e Brasil. CAPA Verê.

21 de outubro de 2014

Concurso de Receitas Orgânicas para merendeiras, CAPA Rondon, Itaipu e parceiros.

22 de outubro de 2014

Palestras sobre Abelhas Nativas sem Ferrão, Plantas Medicinais e Feira de Sementes, Escola Estadual do Rio Toldo – Getúlio Vargas/RS. CAPA Erexim.

22 a 28 de outubro de 2014

Curso Básico de Homeopatia na agropecuária, Mal. C. Rondon. CAPA Rondon.

28 a 30 de outubro de 2014 - **Encontro Programa Mercosul Social e Solidário**: realizado em Francisco Beltrão/ PR, com agricultores do Brasil, Argentina, Paraguai, Uruguai e Chile. CAPA Verê.

31 de outubro de 2014

Sessão Solene dos 100 Anos da Comunidade Martin Luther em Erexim/RS. CAPA Erexim.

11 de novembro de 2014

Cerimônia de **Comemoração de um ano de Inauguração da Loja Vida a Granel** no Mercado Público de Pelotas. CAPA Pelotas.

12 a 16 de novembro de 2014

Visita de Stig Tanzmann, da Agência Alemã Pão para o Mundo ao CAPA Pelotas.

18 de novembro de 2014

5ª Encontro Regional da Articulação Sudoeste **"Por uma Educação do Campo"**, em São Jorge D'Oeste/PR. CAPA Verê.

19 e 20 de novembro de 2014

Encontro Cultivando Água Boa (CAB-2014), Promoção da Itaipu Binacional, Foz do Iguaçu/PR, com 2000 participantes. Itaipu, CAPA Rondon e parceiros.

25 de novembro de 2014

Seminário Estadual sobre Marco Regulatório das OSCs: realizado em Curitiba/ PR, o seminário teve como objetivo partilhar e estudar o Marco Regulatório das OSCs, fortalecendo as organizações e a Abong no Paraná. CAPA Verê

03 de dezembro de 2014

I Simpósio de Horticultura do Sudoeste do Paraná e III Ciclo de Atualização em Horticultura: Realizado na UTFPR, Campus de Dois Vizinhos/PR em parceria com Emater, Assesoar, CAPA, CREA-PR e Cresol. Palestras e minicursos. CAPA Verê.

Fevereiro a novembro

III Curso de Extensão Homeopatia na Agropecuária em 10 Etapas, Mal. C. Rondon. Unioeste e CAPA Rondon.

04 a 06 de fevereiro

Seminário Anual de Planejamento, Monitoramento e Avaliação do CAPA Pelotas.

11 de março

Mobilização da Agricultura Familiar - Jornada de Lutas - Francisco Beltrão/PR. CAPA Verê

31 de março

Seminário Certificação Participativa e Agroecologia - Núcleo Sul da Rede Ecovida. CAPA Pelotas.

Abril

Oito **Oficinas sobre Agroecologia** envolvendo mulheres de 16 municípios do Alto Uruguai. CAPA Erexim.

07 de abril

Atividade prática de **preparo do Biofertilizante Supermagro**, Mal. C. Rondon/PR. CAPA Rondon.

08 a 10 de abril

Semana Acadêmica de Agronomia: IV SEAGRO. UTFPR - Dois Vizinhos/PR. Participação do CAPA Verê com mini curso.

14 a 17 de abril

Semana Cultural Indígena, Aldeias Añetete e Itamará, Diamante do Oeste/PR. Itaipu e CAPA Rondon.

Arquivo CAPA Marechal Rondon/PR



Avaliação do Consórcio CAPA

O Seminário do Consórcio CAPA, que discorreu sobre o resultado da Avaliação Participativa, aconteceu em Cascavel/PR, de 15 a 17 de setembro com a participação dos núcleos e integrantes da IECLB. As conclusões do Seminário de Avaliação, servem de diretrizes para a elaboração do Plano Trienal do CAPA, que está sendo construído pela coordenação dos núcleos com o apoio da FLD.

Em sua próxima edição, o Recado da Terra irá apresentar maiores detalhes da avaliação e do plano trienal.

PRÓXIMOS EVENTOS

16 de Agosto

Festa em Comemoração aos **15 Anos da Cooperativa ECOVALE**, na Comunidade Evangélica Martin Luther, em Santa Cruz do Sul. CAPA Santa Cruz.

25 de agosto

Reunião conjunta conselhos e coordenações, em Capitão L. Marques/PR. Núcleos CAPA Rondon e Verê.

30 de Agosto

Espaço de Comércio Justo ECOVALE/CAPA no **Dia Sinodal da Igreja** – Sínodo Centro Campanha Sul, em Paraíso do Sul/ RS. CAPA Santa Cruz.

09 e 10 de setembro

Reunião Consórcio CAPA com FLD, em Porto Alegre/RS. Todos os Núcleos.

MÍDIA E PUBLICAÇÕES

CAPA Erexim/RS

Facebook: CAPA Erexim. **Jornal do Sínodo Uruguai**

CAPA Marechal Cândido Rondon/PR

Facebook: Capa Rondon. **Jornal Partilha** do Sínodo Rio Paraná

CAPA Pelotas/RS

Facebook: CAPA - Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor. **Programa: Terra Limpa**, Rádio Litoral Sul FM, 104.3, quintas-feira das 8h10 às 8h40 min. Na web: <http://www.radiolitoralsulfm.com.br/>

15 de abril

Palestra sobre Gênero em Severiano de Almeida/RS. CAPA Erexim.

20 a 22 de abril

IX Encontro Ampliado da Rede EcoVida, Mal. C. Rondon/PR. CAPA Rondon e parceiros.

Maio

Quinze Oficinas Práticas sobre Agroecologia envolvendo mulheres de 26 municípios do Alto Uruguai. CAPA Erexim.

06 de maio

Dia de Campo: produção sementes milho variedades, Ramilândia/PR. CAPA Rondon e parceiros.

24 de maio

Espaço de Comércio Justo ECOVALE/CAPA no **Dia Sinodal da Igreja**, Sínodo Vale do Taquari, nos Asilos Pella e Bethania, em Taquari/RS. CAPA Santa Cruz.

25 a 31 de maio

Semana Nacional do Alimento Orgânico – 11ª Edição: Palestras nas escolas e atividades nas feiras. CAPA Erexim.

27 de maio

IV Encontro Territorial de mulheres da Agricultura Familiar. CAPA Pelotas

05 de junho

VI Jantar Ecológico, em Santa Cruz do Sul. ECOVALE/CAPA/Legião Evangélica Luterana/Comunidade Evangélica Gustavo Adolfo. CAPA Santa Cruz

07 de julho

1º Encontro de Experiência Agroecológicas, da Articulação em Agroecologia no Vale do Rio Pardo, em Santa Cruz do Sul. CAPA Santa Cruz.

28 de julho

Reunião Boas Práticas Sustentáveis, Comitê FAO-Sul Brasil, Foz do Iguaçu/PR. CAPA Rondon e parceiros.

05 de agosto

Encontro dos Grupos de Saúde Comunitária, na Casa Sinodal do Sínodo Vale do Taquari, em Teutônia/RS. CAPA Santa Cruz.

13 e 14 de agosto

14º Dia da Troca de Sementes Crioulas, em Ibarama/RS, com participação ECOVALE/CAPA SantaCruz.

28 de Setembro

Seminário sobre Certificação Orgânica do Núcleo Vale do Rio Pardo, da Rede ECOVIDA, com participação de representante do MAPA, em Santa Cruz do Sul/RS. CAPA Santa Cruz.

30 de setembro

Celebração de Ação de Graças pelos 15 anos da FLD às 19h, na Paróquia Matriz, R. Senhor dos Passos, Porto Alegre/RS, seguida por festa.

1º de outubro

Seminário Diaconia Transformadora e Direitos Humanos FLD + 15 anos de desafios, das 9 às 17h. Na Inspeção Nossa Senhora Aparecida, Rua Gonçalves de Carvalho, 390, Moinhos de Vento, Porto Alegre /RS.

CAPA Santa Cruz/RS

Publicação anual: **Calendário Lunar Agrícola**, lançado em novembro. Reservas e aquisições: fone (51) 3715 2750 ou e-mail: santacruz@capa.org.br

CAPA Verê/PR

Publicação anual: **Agenda do Agricultor**, lançada em janeiro. Reservas e aquisições: fone (46) 3535 1119 ou e-mail: vere@capa.org.br

Página na internet: www.capa.org.br

CAPA na Alemanha

Arquivo CAPA Erexim/RS



Coordenadoras em manifestação nas ruas de Berlim em prol da agricultura limpa.

A convite da entidade Pão para o Mundo (PPM), Rita Surita e Ingrid Giesel estiveram em Berlim de 15 a 24 de janeiro, representando o Centro de Apoio ao pequeno Agricultor (CAPA) na 80ª Semana Verde Internacional de Berlim.

As coordenadoras dos Núcleos Pelotas e Erexim participaram de uma passeata pelas principais ruas da capital alemã, terminando no parlamento, com a participação de cerca de 50 mil pessoas entre ativistas socioambientais, famílias agricultoras e representantes de diversas entidades.

Na passeata, a maior expressão era a busca por uma política que privilegie alimentos saudáveis e beneficie a agricultura familiar

com técnicas ambientalmente corretas e não o agronegócio. Segundo o Ministério da Agricultura da Alemanha cerca de 92% da população prefere consumir alimentos provindos de sua própria região.

Após a manifestação, Rita e Ingrid visitaram o estande da PPM no pavilhão de exposições e realizaram palestra para jovens ativistas.

A agência Pão para o Mundo apoia diversos projetos pelo mundo com o tema da segurança alimentar. A relação com o Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor não é diferente, já são mais de 30 anos de parceria entre as duas entidades.

Atividades na África

Foi encerrado em dezembro de 2014 o programa "Implantação de Bancos Comunitários de Sementes e Capacitação para o Resgate, Multiplicação, Armazenamento e Uso de Sementes Tradicionais/Crioulas em Áreas de Agricultura Familiar na África".

Fundamenta-se nas experiências teórico-práticas de produção e armazenamento de sementes crioulas do Brasil através dos movimentos sociais e suas entidades apoiadoras. O conhecimento acumulado pelo CAPA nos processos de assessoria em sementes, técnica e organizativa no Brasil, possibilitou socializar estas informações nos países de

Moçambique e África do Sul.

"Na execução do programa enfrentamos muitos desafios: linguísticos, culturais, econômicos e organizativos que foram superados para que a síntese desta proposta fosse reelaborada em cada país e assim tornar as agricultoras e agricultores mais independentes em seus processos produtivos e de soberania alimentar" explica Ingrid Giesel do CAPA Erexim.

Sua continuidade vai depender do posicionamento do Governo brasileiro, pois a manifestação da África do Sul e de Moçambique, bem como das outras entidades brasileiras signatárias do projeto é por manter o programa.



Mulheres africanas recebem apoio para cultivar tomate de maneira ecológica.

Arquivo CAPA Erexim/RS

Entrevista

Ecovale comemora 15 anos de Agroecologia e protagonismo feminino

Texto de Leandro Junhkerr Porto

A Cooperativa Regional de Agricultores Familiares Ecológicos (ECOVALE) foi fundada em 12 de agosto de 2000. Tem como fundamento uma proposta de sociedade mais justa, saudável e solidária e conta com a assistência técnica do Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (CAPA) de Santa Cruz do Sul/RS. A valorização da família e, em especial, a presença marcante das mulheres no meio rural sempre foi um grande foco do trabalho desenvolvido, atualmente coordenado pela presidenta Teresinha Weber, agricultora do município de Venâncio Aires.

RT: Teresinha, quando começou a tua ligação e da tua família, com a agroecologia e por consequência, o trabalho junto a Ecovale?

Teresinha: O trabalho de minha família iniciou na criação da Ecovale. Eu entrei faz uns oito anos, mas meu irmão, minha família há quase quinze anos.

RT: A Ecovale é formada por núcleos. Como funciona esta relação?

Teresinha: Estes núcleos são grupos de famílias de diferentes municípios. Eu faço parte do grupo Eco da Vida, de Venâncio

Aires. Da mesma forma existem sete núcleos em Santa Cruz, Candelária, Vale do Sol e em diferentes municípios do vale do Rio Pardo, onde há a participação de agricultoras e agricultores familiares ecológicos.

RT: Cada município forma um núcleo?

Teresinha: Existem municípios com mais núcleos. Temos até uma perspectiva em Venâncio de criar mais um. Depende da distância, se ficam muito longe e existem famílias suficientes, o certo e o mais prático é formar novos grupos.

RT: Qual o sentido e o objetivo destes núcleos?

Teresinha: É o próprio espírito do cooperativismo. Trabalhar em conjunto. Pessoas se unem numa mesma luta, causa, vendendo os produtos. É muito importante na organização do trabalho. Além disso, a maioria destes núcleos tem feiras locais, o que aumenta a necessidade de organização e, assim, realizamos encontros mensais no nosso núcleo. Já outros grupos reúnem-se a cada dois meses. Nessas reuniões destacam-se as prioridades: o que é mais importante plantar nessa ou naquela época e em que produto cada família vai investir mais. Direcionamos um

pouco, conforme o gosto e vocação de cada propriedade. Tem família que prefere plantar mais verduras, outra, opta por mais legumes. Em nosso caso, montamos uma agroindústria de derivados de cana. A socialização do que cada família está produzindo e o que vai produzir no futuro, bem como a avaliação do trabalho é realizada através dos núcleos.

RT: Como as pessoas têm recebido este trabalho da Ecovale, com base na agroecologia? O interesse tem aumentado?

Teresinha: A gente pode dizer que está aumentando devagarzinho. Nisso há uma grande influência das Escolas Famílias Agrícolas, que têm formado jovens para a agricultura. E este é outro aspecto muito positivo pra gente. A entrada de jovens nos grupos e na própria Ecovale nos motiva. Existe também outro trabalho de Assistência Técnica e Extensão Rural que é feito no Vale do Rio Pardo, com o intermédio do Movimento dos Pequenos Agricultores. Recentemente agricultoras e agricultores de Venâncio Aires visitaram o nosso grupo para ver como é nossa experiência de trabalho na Agroecologia. Este grupo é formado por famílias agricultoras

que estão na fomicultura, mas querem buscar novas alternativas de cultivo.

RT: Qual o papel da mulher no âmbito da Ecovale?

Teresinha: A Ecovale, desde o início, tem primado pela presença feminina dentro da Cooperativa. Tanto que existe um núcleo basicamente só de mulheres em Vale do Sol, responsável pela produção de bolachas. Temos reforçado, nos últimos anos, a discussão sobre a questão de gênero. Alertamos sobre a importância de que a mulher também se associe, não só o homem, pois tanto o cooperativismo quanto a própria agricultura familiar desenvolvem-se a partir da família. Então, se a mulher está presente com muita força na agricultura, na própria casa, é essencial que no cooperativismo também esteja. E assim, mais uma vez, destaca-se o papel da Escola Família Agrícola, porque também as mulheres jovens estão entrando nos grupos, nos núcleos, buscando produzir alimentos de forma saudável. Acredito que estejamos dando bons passos na caminhada: a Ecovale hoje tem 54 pessoas associadas e destas 24 são mulheres.

Certificação do CAPA na Rede Ecovida de Agroecologia

CAPA Erexim
60 famílias
2 cooperativas
6 agroindústrias

CAPA M. Cândido Rondon
70 famílias
3 cooperativas
5 agroindústrias

CAPA Pelotas
147 famílias
2 cooperativas
3 agroindústrias

CAPA Santa Cruz do Sul
25 famílias
4 agroindústrias

CAPA Verê
40 famílias
3 agroindústrias



Saiba mais sobre o Encontro Ampliado nas pgs. 8 e 9

Encontro da Rede Ecovida em Marechal Cândido Rondon

Intenso convívio e aprofundamento de informações agroecológicas caracterizaram o 9º Encontro Ampliado da Rede Ecovida, que reuniu mais de mil e quinhentas pessoas no Parque de Exposições de Marechal Cândido Rondon, PR, entre os dias 20 e 22 de abril de 2015. Concomitantemente, no mesmo local aconteceu o 7º Encontro Regional de Agroecologia (ERA).

A cada dois anos a Ecovida realiza um encontro entre os seus núcleos, para troca de informações, experiências, avaliação do período anterior e definição de rumos para o próximo biênio. O anterior, ocorrido em 2012 em Florianópolis, SC, reuniu mil e duzentos participantes.

“Ao promover a certificação participativa junto às famílias agricultoras, somos a principal entidade que dá apoio à Ecovida em nossa região, por isso trabalhamos intensamente na sua organização, durante o evento e após a finalização” conta Vilmar Saar coordenador do CAPA/ Núcleo/ Marechal Cândido Rondon/PR. O CAPA, Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor, é um serviço da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, IECLB, junto à agricultura familiar.

Visando ampliar o fortalecimento das práticas em Agroecologia, o Encontro congregou participantes provenientes de mais de 200 municípios do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e outros. “No evento, cada pessoa teve direito à voz nas

tendências futuras”, destaca Vilmar.

Ao falar da situação atual, Maria Emília Pacheco, integrante da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) mostrou dados que apontam a redução do consumo de mandioca e de feijão, este de 13 kg para 8kg ao ano. “Mudanças nos hábitos alimentares provocam sobrepeso e obesidade, ao substituírem alimentos naturais pelos processados. A Agroecologia é um caminho cujas palavras-chaves devem ser a autonomia e a cultura alimentar, pois a comida faz parte do patrimônio imaterial de um povo”, enfatiza.

CONCLUSÕES E ENCAMINHAMENTOS

“A Rede Ecovida foi fortalecida no encontro de Rondon, que teve intensa participação de jovens e mulheres”, comenta Laércio Meirelles, um dos fundadores da Rede Ecovida. A grande riqueza do Encontro Ampliado da Rede Ecovida é reunir famílias agricultoras e propiciar a integração de pessoas que praticam Agroecologia e buscam um ideal comum, a partir de um trabalho transformador realizado há várias décadas.

O evento teve participação de 29 núcleos da Rede espalhados pelo RS, SC, PR e SP. “O encontro foi muito bom e propiciou ao CAPA de Marechal Cândido Rondon fortalecimento e uma maior visibilidade. Reforçamos a credibilidade em nosso trabalho junto aos poderes públicos, às entidades parceiras como ITAIPU, àquelas que apoiam a Agroecologia e à comunidade em geral” comenta Vilmar.

Entre as deliberações finais, definiu-se local do Encontro de 2017 que irá acontecer no RS, na Região do Alto Uruguai. Nesta, atua o CAPA de Erexim o qual certamente desempenhará um papel relevante na realização do evento que reúne toda cadeia produtiva relacionada com a Agroecologia.

“A grande riqueza do Encontro Ampliado da Rede Ecovida é reunir famílias agricultoras e propiciar a integração de pessoas que praticam Agroecologia e buscam um ideal comum, a partir de um trabalho transformador realizado há várias décadas.

discussões e na construção das propostas que foram à plenária do último dia”, enfatiza Vilmar, destacando que as delegações tiveram amplo espaço para comercializar suas produções na “Feira de Saberes e Sabores”. Esta ocorreu ao lado da grande plenária e propiciou momentos de troca e aprendizado sobre os produtos orgânicos ofertados e as melhores técnicas para produzi-los com qualidade.

PROGRAMAÇÃO DIVERSIFICADA

Durante o primeiro dia, após a cerimônia de abertura, aconteceram mais de trinta oficinas e os seminários temáticos reunidos em três eixos: mulheres: gênero e Agroecologia; formação, juventude e o futuro da Rede Ecovida; e certificação (ver matérias nas pgs 8 e 9). “Outro destaque do evento foi a plenária que tratou da análise de conjuntura sobre a situação da Agroecologia nos dias de hoje e as



Cláudia Dreier



Cláudia Dreier



Cláudia Dreier